



III SER AFRO - SEMANA DE RESISTÊNCIA: ARTICULANDO FALAS,
REIVINDICANDO ORIGENS, DESCOLONIZANDO MENTES

II SEMINÁRIO SER AFRO: EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03

UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM

**LÉLIA GONZALEZ.
RELAÇÕES RACIAIS BRASILEIRAS NO ABEBÉ DE OXUM.**

JAQUELINE SILVA DE SOUSA ¹

RESUMO: Este trabalho objetiva abordar a grandiosa contribuição da intelectual negra Lélia Gonzales, apresentando a categoria de análise -Pretugues- cunhada pela autora para compreender as relações raciais brasileiras, que apontam a falsa ideologia sobre uma democracia racial brasileira e as consequências do ocultamento das narrativas de povos não hegemônicos jogando luz nos orikis e arquétipos de osun pra refletir novas possibilidades de elucidar o Brasil.

Palavras-chave: Lélia Gonzalez; Pretuguês; Mito da Democracia Racial.

Lélia Gonzalez foi uma das grandes percussoras da ideia de um feminismo interseccional, dando a devida atenção aos recortes de raça, classe e gênero e quebrando com a ideia de universalismo imbricado no interior do movimento feminista. O pioneirismo que ela trazia junto com um olhar aguçado e pelos seus escritos e sua postura se mostra uma feminista interseccional e uma intelectual decolonial, e até mesmo o conceito contemporâneo “lugar de fala” foi desenvolvido pela ativista, mesmo antes desses termos serem empregados nos espaços acadêmicos. Lélia se atenta para a questão da infantilização do negro que se sustenta na desumanização e inferiorização desses povos, retirando também a capacidade de contar sua história, fadada a ser contata pelo outro, ou seja, pelo branco.

A intelectual traz um impacto na sociologia brasileira, se colocando como sujeito histórico e mostrando a neurose cultural de um Brasil que se projeta branco, travando a luta contra o epistemicídio, o apagamento epistêmico dos intelectuais e militantes brasileiros e a aniquilação do mito da democracia racial como símbolo da identidade nacional. Gonzalez foi a primeira mulher negra a sair do Brasil como representante do movimento negro em 1979 e esse contato com a intelectualidade

¹ Formada em Ciências Sociais UFPA e graduanda em Pedagogia UFFS Erechim, jaquesousa1968@gmail.com.



III SER AFRO - SEMANA DE RESISTÊNCIA: ARTICULANDO FALAS,
REIVINDICANDO ORIGENS, DESCOLONIZANDO MENTES

II SEMINÁRIO SER AFRO: EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03

UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS SICHEM

negra de outros países trouxe uma grande capacidade de análise do tecido social brasileiro. A busca pela imagem positiva das mulheres negras, mostrando seu papel fundamental na sobrevivência e na preservação da memória do povo negro, o candomblé, a psicanálise e o feminismo foram a síntese e o caminho que levou a seus estudos sobre o projeto de embranquecimento brasileiro e o pensamento diaspórico negro.

As universidades ocidentalizadas reproduzem e naturalizam estruturas racistas e sexistas, nesse caso, é necessário compromisso em descolonizar e romper com estruturas de conhecimentos, e criar conceitos e redefinições para velhos conceitos, o objetivo é transgredir a escrita colonial, apontando a intelectualidade negra, mais precisamente a intelectualidade de mulheres negras.

Tendo como proposta maior a realocação da mulher negra, que no pensamento ocidental é destituída de humanidade e de intelectualidade, enfatizando assim seu papel como um agente protagonista de um longo processo de resistência e responsável pela sobrevivência criativa e resistente dentro da sociedade brasileira. Nesse processo diaspórico e na chegada ao Brasil, a presença da mulher negra tem sido extremamente essencial para o processo de formação histórico-social da sociedade brasileira.

O apagamento e a invisibilidade do pensamento de autoras e autores negros é um fator que está explícito nos espaços de conhecimento, tendo como exemplo o fato de que depois da morte de Lélia o seu livro autoral “Primavera para rosas negras” demorou 23 anos para ser produzido e publicado e não foi publicado por uma grande editora e nem por uma universidade e sim pela organização do próprio movimento negro.

O racismo é um mecanismo social que fundamenta as relações coloniais de poder no Brasil, no período colonial existiam muitos instrumentos de tortura para controlar negros e indígenas e um desses instrumentos era a máscara que silenciava o cativo. No livro Máscaras de Grada Kilomba (2010), a autora descreve a máscara como um dos ícones das políticas de opressão e de silenciamento do colonialismo.



III SER AFRO - SEMANA DE RESISTÊNCIA: ARTICULANDO FALAS,
REIVINDICANDO ORIGENS, DESCOLONIZANDO MENTES

II SEMINÁRIO SER AFRO: EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03

UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS ESTIMM

Como recurso metodológico, foram utilizadas as revisões bibliográficas, ressaltando os conceitos fundamentais das obras de Lélia Gonzalez, que trazem uma proposta epistêmica, assim como são apresentadas as categorias de análises - Pretuguês e Amefricanidade - para compreender as relações raciais estruturadas no Brasil, apontando dados que se opõem a ideia de uma democracia racial brasileira. O processo de banimento social e exclusão de oportunidades profissionais e educacionais aliado a um deficit de confiança intelectual, autoestima, discriminação nas instituições educacionais, a negação da crucial contribuição da população negra na sociedade e a desvalorização recorrente são os aniquilamentos que atravessam corpos negros e suas narrativas.

A obra de Lélia está intrinsecamente ligada ao genocídio da população negra, apontando que o Brasil vem sistematicamente ceifando vidas negras de diversas formas, seja pela morte epistêmica com a aniquilação da produção intelectual negra, seja pelo genocídio cultural, político e físico.

Para produzir esse estudo sobre a intelectual Lélia Gonzalez, é citado o abebé de Oxum como a ligação da intelectual com esse orixá que rege sua cabeça e também como podemos relacionar identidade negra, poder feminino e empoderamento estético e político, além de se apresentar como o símbolo relacionado à ancestralidade também simboliza a renovação das gerações, sendo Oxum aquela que rege o parto, a regente dos ciclos, trazendo a comunicação entre a ancestralidade e o nascimento, passado e presente. Outra atribuição que o abebé carrega é de uma poderosa arma de guerra, isso contam os itans africanos, que nos períodos de guerras Oxum colocava o espelho contra o sol para ofuscar a visão do inimigo, saindo vitoriosa de suas batalhas, engana-se quem pensa que o espelho de Oxum só pode ser utilizado como objeto de vaidade.

O espelho de oxum é um instrumento de poder chamado Abebé, símbolo do poder feminino, segundo Mel Adún (2011), a escrita abebé “surge de saia rodada, feminina e afiada” (p.10). E o chama de “abebelidade”, que seria um conjunto de signos e aspectos semânticos ligados às águas que, de alguma forma, lembram ou



III SER AFRO - SEMANA DE RESISTÊNCIA: ARTICULANDO FALAS,
REIVINDICANDO ORIGENS, DESCOLONIZANDO MENTES

II SEMINÁRIO SER AFRO: EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03

UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS ESTIM

possuem ligação com o orixá Oxum. “A ‘abebelidade’ é uma condição de ser-agir-pensar daquelas que constroem e enfeitam seus próprios espelhos-corpos de múltiplos matizes de dourado.” (ADÚN, 2011, p.10).

A escritora negra baiana, Hildália Fernandes (2017), aponta que a literatura abebé e o uso do abebé é uma ferramenta interpretativa a ser utilizada por “mulheres negras na diáspora”. Nelas nossas imagens são refletidas, podemos encontrar umas as outras. O espelho/leque dourado pode nos ajudar a “inverter/reverter certos estigmas”. Quando Gonzalez cria suas categorias de análises para interpretar as relações raciais brasileiras, se sente o desejo do aniquilamento de estigmas sociais depositados na população negra, a escrita e o compartilhamento coletivo entre mulheres e homens negros. Pesquisar, estudar e fomentar o estudo de referenciais negros é um ato que estilhaça a epistemologias eurocêntricas, sendo um processo de emancipação intelectual que se volta contra os regimes brutais de silenciamento.

Olhar-se no espelho em uma sociedade que negativa o corpo negro requer coragem, coragem para romper com estereótipos e reconhecer a sua identidade, sua beleza e sua potencialidade, sendo assim esse trabalho traz o abebé de Oxum e a luminosidade reluzente como ouro que Lélia desvenda o Brasil, que joga luz nas relações sociais e levanta o espelho de Oxum frente a sociedade brasileira.

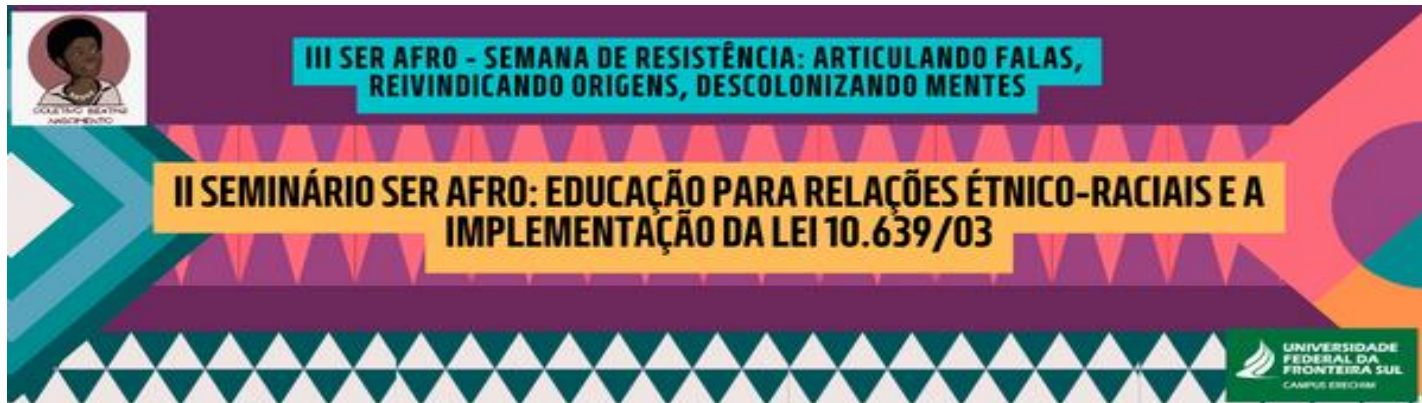
REFERÊNCIAS

ADÚN, Mel. Prefácio. In: SOUZA, Livia Maria Natália de. **Água Negra**. Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2011.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, L. A. et al. **Publicações e Publicidade**, 2011.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/ 93, jan./jun. Pp. 69-82. 1988.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.



HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

NASCIMENTO, Tatiana. **Letramento e tradução no espelho de Oxum**: teoria lésbica negra em auto/re/conhecimento. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

RATTS, Alex; RIOS, Flavia. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

SOUSA, Jaqueline. **Lélia Gonzalez**: Relações raciais brasileiras no abebé de Oxum. Trabalho de Conclusão de Curso - Licenciatura Plena em Ciências Sociais, UFPA, Belém, 2021.